

**As implicações do bullying vivenciado na infância e adolescência sobre a subjetividade
do indivíduo adulto**

Nícolas Tribuzy de Mello Rodrigues

Brasília - DF
Dezembro de 2024

NÍCOLAS TRIBUZY DE MELLO RODRIGUES

As implicações do bullying vivenciado na infância e adolescência sobre a subjetividade do
indivíduo adulto

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências
da Educação e Saúde - FACES, como requisito
parcial para a conclusão do curso de Psicologia
Professora Orientadora: Me. Aurea Chagas
Cerqueira

Brasília - DF
Dezembro de 2024

Folha de Avaliação

Nícolas Tribuzy de Mello Rodrigues

As implicações do bullying vivenciado na infância e adolescência sobre a subjetividade do
indivíduo adulto

Banca Examinadora:

Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira – CEUB

Orientadora

Prof. Dr. Guilherme de Freitas Henderson – CEUB

Examinador

Profa. Dra. Tânia Inessa Martins de Resende - CEUB

Examinadora

Brasília - DF

Dezembro de 2024

Resumo

O *bullying* é uma realidade presente na vida de milhões de crianças e adolescentes, impactando-os diretamente em diversos aspectos. Políticas públicas cada vez mais específicas têm sido implementadas com base no aumento estatístico do número de vítimas de *bullying* e em seus impactos objetivos e subjetivos associados. No entanto, os efeitos desse fenômeno na vida adulta, que podem ser variados, ainda representam um campo que merece exploração acadêmica e clínica. Este trabalho, com enfoque qualitativo e fundamentação teórica psicanalítica, teve como principal objetivo investigar os possíveis impactos do *bullying* na história de vida e no desenvolvimento da subjetividade em adultos. Participaram da pesquisa quatro adultos, dois do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades entre 23 e 32 anos. A análise dos resultados foi conduzida através da metodologia de análise de discurso (Orlandi, 2005). Os resultados indicaram que os efeitos sobre a subjetividade adulta são diversos, concentrando-se principalmente em baixa autoestima, ansiedade social, auto-rejeição, hipervigilância, conflitos com a imagem corporal e dificuldades de sentimento de pertencimento.

Palavras-chave: *Bullying*; Psicanálise; Subjetividade; Infância e Adolescência; Indivíduo Adulto.

Abstract

Bullying is a reality that affects millions of children and adolescents, directly impacting them in various aspects of their lives. Increasingly specific public policies have been implemented based on statistical evidence of the growing number of *bullying* victims and the objective and subjective impacts involved in it. However, the effects of *bullying* in adulthood, which can be multifaceted, remain a field deserving further academic and clinical exploration. This qualitative study, based in psychoanalytic theory, aimed to investigate the potential impacts of bullying experienced in early life on the development of adult subjectivity. Four adults participated in this research, two females and two males, aged between 23 and 32. Discourse analysis was used to evaluate the findings. Results indicated that the effects on adult subjectivity are diverse, primarily manifesting as low self-esteem, social anxiety, self-rejection, hypervigilance, body-related conflicts, and a sense of lack of belonging.

Keywords: *Bullying*; Psychoanalysis; Subjectivity; Childhood and Adolescence; Adult Individual.

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1 – Fundamentação Teórica	4
1.1 - Estudos sobre o <i>bullying</i>	4
1.2 - Dados acerca do fenômeno no Brasil.....	5
1.3 - Bullying à luz da psicanálise.....	6
1.4 - Tipos de Vítimas	10
Capítulo 2 – Metodologia	16
2.1 - Participantes.....	16
2.2 - Instrumentos.....	16
2.3 - Procedimentos.....	17
Capítulo 3 – Resultados e discussão	19
Rejeição e Idealização: O Impacto Psíquico de Não Pertencer	20
Frustração e Perfis de Vítima: Uma Análise Integrativa.....	25
Do Ataque ao Corpo à Agressividade Psíquica: Reflexos da Violência e Exclusão Social	32
Laços de Apoio e Laços de Dor: O <i>Bullying</i> na família e a Repressão.....	41
Considerações Finais	47
Referências.....	50
Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.....	54
Anexo B – Parecer Consubstanciado do CEP/CEUB.....	61
Apêndice A – Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	62

Introdução

O *bullying* é um fenômeno que afeta milhões de pessoas ao redor do mundo, principalmente em escolas e faculdades. Segundo dados coletados pela UNESCO (2023), mais de 30% dos estudantes vivenciaram experiências de *bullying* durante suas trajetórias acadêmicas, em decorrência, geralmente, da não adequação estrita às normas dominantes referentes à orientação sexual, raça, gênero e classe social, por exemplo.

Para se entender melhor o significado de *bullying*, pode-se recorrer à definição instituída pela legislação brasileira (Lei nº 14.811, 2024), na qual o termo é descrito como o ato de “intimidar sistematicamente, individualmente ou em grupo, mediante violência física ou psicológica, uma ou mais pessoas, de modo intencional e repetitivo, sem motivação evidente, por meio de atos de intimidação, de humilhação, de discriminação ou de ações verbais, morais, sexuais, sociais, psicológicas, físicas, materiais ou virtuais”.

Nos últimos anos, a temática tem ganhado cada vez mais espaço nas mídias, como jornais e redes sociais, e produzido debates nas diferentes esferas da sociedade, culminando inclusive na criação de inovadoras políticas públicas recentes. No Brasil, a relevância do tema pode ser observada ainda, principalmente, pela alta ocorrência dos ataques realizados a escolas no ano de 2023. Apesar de não ser um fator correlacional determinante, muitos desses ataques vêm sendo realizados por estudantes e ex-estudantes que se sentiram vítimas de *bullying* no ambiente escolar (Rodrigues, 2012).

De acordo com os últimos dados produzidos pelo Ministério da Educação, somente no ano de 2023 foram documentados, até outubro, 16 ataques violentos em escolas, nos quais foram utilizados métodos variados, como armas brancas, explosivos, vidro e até mesmo armas de fogo. Desses ataques, 29 vítimas ficaram feridas e 9 morreram (Ministério da Educação, 2023).

Em uma dessas ocasiões trágicas, o governo de São Paulo declarou ao portal G1, após o segundo ataque realizado naquele ano a uma escola do estado, que o governo ainda não é capaz “de combater o *bullying* e a homofobia” (Machado et al., 2023). Essa declaração demonstra que os governantes reconhecem que ainda não possuem os recursos e preparo necessários para combater esses atos violentos. A situação ainda ilustra que o *bullying* pode desencadear um círculo de violência que tem se mostrado cotidianamente mais presente.

Esses ataques, no entanto, não foram focalizados e não se restringiram ao estado de São Paulo ou ao ano de 2023. No Distrito Federal, por exemplo, em março de 2024, um ataque a uma escola em São Sebastião foi realizado por um estudante de 15 anos que se julgava vítima de *bullying*. De acordo com a apuração do Correio Braziliense, o adolescente estava armado com duas facas e chegou a ferir cinco pessoas, sendo três colegas, uma monitora e um professor (Diogo & Braga, 2024).

Cerca de um mês após esse ocorrido, em abril de 2024, durante a escrita deste trabalho, foi noticiado pelo portal G1 (2024) que um jovem de 13 anos, morador de Praia Grande, cidade litorânea de São Paulo, morreu “uma semana após dois estudantes pularem sobre as costas dele”. De acordo com o portal (2024), o pai do adolescente informou que o estudante já vinha sofrendo ataques, os quais o pai define como *bullying*, com frequência. Ele informou ainda que compareceu à escola diversas vezes, sempre que seu filho relatava uma agressão, mas nenhuma atitude foi tomada por parte do corpo docente (Soares, 2024).

Apesar desses casos terem recebido maior destaque nos meios de comunicação por conta da seriedade que atingiram, é necessário se levar em conta que casos não documentados, não denunciados ou até mesmo não devidamente percebidos de *bullying* acontecem todos os dias. Com menos frequência ainda, têm seus efeitos sobre a subjetividade na vida adulta mensurados ou debatidos. Nesse sentido, a necessidade de se estudar o

bullying através desse prisma se torna ainda mais imprescindível. Esses episódios nefastos destacam a necessidade de se compreender melhor a relação entre a violência praticada através do *bullying* e a violência que surge a posteriori, seja ela heterodirigida ou autodirigida. Compreender essas implicações é essencial para que possamos, como sociedade, prevenir e combater essa prática.

Durante a pesquisa teórica para a redação deste trabalho, em plataformas como o Google Acadêmico, foram encontrados, relativamente, poucos artigos e demais produções acadêmicas sobre os efeitos qualitativos do *bullying* já na vida adulta, principalmente do ponto de vista psicanalítico. As pesquisas, majoritariamente, centram-se nos efeitos a curto e médio prazo nas crianças e adolescentes. Acredita-se, portanto, que esta pesquisa possa contribuir para o avanço acadêmico e clínico sobre o entendimento de possíveis efeitos do *bullying* em diferentes subjetividades.

É, portanto, interesse deste autor investigar os possíveis impactos do *bullying* vivenciado na história de vida sobre o desenvolvimento da subjetividade do indivíduo adulto. Este trabalho visa adentrar e destrinchar tal temática. Além disso, busca compreender, mais especificamente, de que maneira o *bullying* sofrido na infância ou adolescência é percebido por indivíduos adultos? Quais as implicações das experiências de violências de *bullying* sobre a subjetividade dos indivíduos adultos? Quais as estratégias utilizadas por esses indivíduos para enfrentamento da experiência de *bullying*?

Capítulo 1

Fundamentação Teórica

Neste capítulo serão aprofundados os temas relacionados a um panorama geral de estudos sobre o *bullying*, alguns dados acerca do fenômeno no Brasil, assim como serão apresentados aspectos acerca do *bullying* à luz da psicanálise.

1.1 - Estudos sobre o *bullying*

O fenômeno do *bullying* revela uma realidade intrincada, que perpassa por diversos aspectos da sociedade contemporânea. O termo *bullying* deriva dos estudos realizados pelo professor norueguês Dan Olweus entre os anos 1970 e 1980 (Longo, 2022; Souza, 2015; Marangoni, 2018). Segundo Longo (2022, p. 209), Olweus “buscava relacionar os casos de depressão, repetência e evasão escolar com determinadas atitudes agressivas - físicas e verbais recorrentes - sofridas por determinados tipos de alunos”. O pesquisador, então, percebeu um padrão de comportamento que se repetia nesses casos e denominou esse fenômeno de *bullying*.

Apesar de o termo derivar desses anos, a nomenclatura *bullying* começou a ganhar popularidade ao redor do mundo a partir dos anos 1990, por conta de episódios catastróficos que acabaram sendo associados ao *bullying*. Marangoni (2022) chama atenção, principalmente, ao “Massacre de Columbine”, acontecido nos Estados Unidos da América em 1999, quando dois então alunos vítimas de *bullying* adentraram à escola Columbine, e mataram 12 alunos e 1 professor, antes de ambos cometerem suicídio.

Algo similar aconteceu em nosso país, e com proporções semelhantes. Em 2011, um ex-aluno de uma escola no bairro de Realengo (RJ) matou também 12 estudantes, com idades

entre 13 e 15 anos, e se suicidou em seguida, no acontecimento que ficou conhecido como “Massacre de Realengo”. Em carta, o estudante afirmou ter cometido o ato por ter sido vítima de *bullying* (Bernardo, 2021).

Apesar de no Brasil os estudos sobre *bullying* também terem começado nos anos 1980, o termo ganhou popularidade e se espalhou em nosso país principalmente a partir do ano 2005, quando começou a ser estudado com mais frequência em artigos científicos (Oliveira-Menegotto et al., 2013). O reconhecimento da importância desse tema culminou na instituição do Dia Nacional de Combate ao *Bullying* e à Violência na Escola, criado no ano de 2016 e celebrado anualmente no dia 7 de abril.

1.2 - Dados acerca do fenômeno no Brasil

Segundo os últimos dados produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a temática (2021), 40,3% dos estudantes entrevistados declararam já terem sido vítimas da prática do *bullying*.

Esse número se aproxima de outro dado apresentado pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023), com dados coletados em 2021. De acordo com o documento (2023), na percepção de diretores sobre a ocorrência de *bullying* na escola em que trabalham, 52,1% dos entrevistados relataram já terem vivenciado casos de *bullying* em suas instituições. Esses números nos mostram a urgência de se abordar a temática de maneira global.

Para combater essa realidade, foi sancionada em 2024 a lei 14.811 com o objetivo de instaurar penas mais severas para o *bullying* e o *cyberbullying*, que, de acordo com a lei (2024), se refere ao “*bullying* por meio da rede de computadores, de rede social, de

aplicativos, de jogos on-line ou por qualquer outro meio ou ambiente digital, ou transmitida em tempo real”. Para o *bullying*, prevê-se multa, caso a conduta não se constitua de um crime mais grave. Já no caso do *cyberbullying*, prevê-se multa ou pena de reclusão, de dois a quatro anos, o que aponta para a importância dessa pauta nos últimos anos.

1.3 - Bullying à luz da psicanálise

No contexto da psicanálise, o *bullying* pode ser lido como um fenômeno complexo que transcende as interações superficiais e individuais entre os sujeitos, revelando não apenas dinâmicas psicológicas individuais, como também intrincadas dinâmicas sociais subjacentes. A partir dos preceitos freudianos, compreende-se que as experiências na infância e na adolescência desempenham um papel crucial na formação da subjetividade e na estruturação dos mecanismos de defesa psíquica.

Ao longo de suas produções teóricas no século XX, Freud forneceu conceitos que ajudam a pensar a sociedade de forma microssocial e macrossocial. Apesar do teórico não ter discorrido diretamente sobre o *bullying*, neste trabalho utilizarei alguns conceitos psicanalíticos que podem ser considerados para se pensar essa temática, visando produzir reflexões por meio da lente psicanalítica.

Pode-se considerar o *bullying*, de acordo com Xavier (2015), como uma forma de sintoma contemporâneo. Sob a lente da psicanálise, é um fenômeno complexo que revela aspectos profundos da psique humana e das dinâmicas interpessoais. Para se entender melhor essa afirmação, deve-se levar em conta que o *bullying* não se restringe a simples atos de agressão física ou verbal, mas sim representa um complexo sistema de expressão de conflitos internos, mecanismos de defesa e relações de poder (Longo, 2022; Xavier, 2015). Nesse

sentido, é fundamental explorar como o *bullying* influencia o desenvolvimento psicológico dos sujeitos, relacionando-o especialmente aos conceitos de projeção, agressividade, identificação e repressão.

O mecanismo de projeção é um dos centros da análise sobre a dinâmica do *bullying*, desempenhando um papel significativo em seu entendimento. A projeção ocorre quando indivíduos atribuem a outros alguns sentimentos, desejos ou características que pertencem a si mesmos, mas que são desconfortáveis ou inaceitáveis de reconhecer (Freud, 1921/2011). Klein (1946/1991, p.25) acrescenta que a projeção tem origem na deflexão da pulsão de morte para o exterior e “ajuda o ego a superar a ansiedade, livrando-o do perigo e de coisas más”.

No contexto do *bullying*, então, o agressor muitas vezes projeta suas próprias ansiedades, medos e traumas na vítima, utilizando-a como um receptáculo para suas próprias angústias. Por meio da projeção, o agressor tenta aliviar sua própria carga psicológica, transferindo-a para o outro e, assim, fortalecendo sua própria sensação de controle e poder (Longo, 2022). Ou seja, os agressores podem projetar suas próprias vulnerabilidades no alvo do *bullying* e reeditar um ciclo de violência e vitimização.

Por outro lado, mas ainda nessa mesma dinâmica, pode-se pensar que na possibilidade que a vítima tome para si o que está sendo incidido sobre ela e internalizar essas projeções externas, desenvolvendo uma imagem distorcida de si mesma e sofrendo danos significativos em sua autoestima e autoimagem.

A manifestação dessa agressividade no contexto do *bullying* também merece atenção especial. Para Freud (1930/2010), a agressividade é uma força pulsional inerente ao ser humano, cuja expressão pode ser moldada por influências ambientais e sociais. No entanto,

quando reprimida ou mal direcionada, essa agressividade pode se manifestar de maneiras prejudiciais, como no caso do comportamento agressivo dos perpetradores de *bullying*.

Em uma de suas obras mais conhecidas — O Mal-Estar na Civilização — Freud argumenta (1930/2010) que a civilização exige que os indivíduos reprimam seus impulsos instintivos individuais em prol da coexistência pacífica na sociedade, especialmente no que diz respeito à sexualidade e à agressão. Essa tensão entre os dois pólos, realização ou repressão, e a consequente renúncia à realização irrestrita de todos esses desejos pode levar a um sentimento de insatisfação e mal-estar.

No caso do *bullying*, portanto, é possível pensar que acontece uma negação da liberdade do outro em prol da satisfação dos impulsivos agressivos e controle por parte do agressor ou grupo de agressores. Os limites morais, portanto, são transgredidos, e a realização da violência muitas vezes é justificada como uma forma de afirmação de poder.

Assim, como maneira de liberação desses impulsos agressivos, pode-se pensar também que os indivíduos praticantes de violência permitem, de acordo com Freud (1930/2010, p. 51), “ao instinto um escape, através da hostilização dos que não pertencem” ao grupo principal. Esse comportamento reflete a busca por uma posição de dominação, que seria semelhante à necessidade de controle na civilização, como exposto por Freud (1930/2010).

Além disso, é possível ainda se interpretar a violência - nesse caso o *bullying* - de acordo com Freud (1930/2010), de maneira macrossocial, como uma manifestação de um Supereu coletivo, onde as normas sociais são internalizadas e aplicadas de forma agressiva contra aqueles que são percebidos como diferentes ou desviantes. Dessa maneira, é possível supor que o agressor, ou agressores, muitas vezes, atuam como representantes dessa

moralidade coletiva, impondo punições ou exclusões aos que não se enquadram nos padrões socialmente estabelecidos.

É possível se entender ainda, de maneira microsocial, a agressividade presente no *bullying* como uma expressão dos impulsos reprimidos dos agressores, tolhidos pela sociedade e por si mesmos, em uma posição na qual o Supereu age como carrasco de seus desejos. Eles podem projetar sua própria angústia e inadequação nos outros, buscando afirmar sua superioridade e poder. Isso se estenderia às vítimas de *bullying*, que também experimentam uma forma de mal-estar, resultante da violência psicológica ou física que sofrem.

Por outro lado, além da projeção, a identificação desempenha um papel crucial na dinâmica de grupos de uma maneira geral. Essa noção destaca a tendência dos sujeitos em assimilar características de figuras de autoridade ou modelos sociais, buscando uma sensação de pertencimento e segurança (Freud, 1921/2011). No contexto do *bullying*, essa identificação pode levar à internalização de comportamentos agressivos ou destrutivos como meio de estabelecer poder e controle sobre os outros. Pode-se pensar que os perpetradores de *bullying* são não somente aqueles que desejam incidir sobre o outro algum tipo de agressão por motivos escusos, como também para pertencer a algum grupo majoritário.

Freud, de acordo com Longo (2022), sugere que os membros de uma massa se identificam horizontalmente entre si e verticalmente com o líder, cuja figura é idealizada e internalizada como algo similar a uma autoridade paterna às vítimas, por meio de um mecanismo de identificação. Essa identificação com o líder é motivada pelo desejo de segurança e proteção, bem como pela busca de uma identidade coletiva coesa que ofereça um sentido de pertencimento e propósito (Freud, 1921/2011).

No entanto, por trás desses mecanismos de projeção e identificação, encontra-se uma agressividade latente que pode ser exacerbada no contexto da massa. Freud postula em *Totem e Tabu* (1913/2012) que o ódio primordial em relação ao líder, originado na horda primitiva, ainda está presente em nossa sociedade atual, mesmo que de maneira diferente.

Esse ódio, então, de acordo com Longo (2022) poderia, no contexto do *bullying*, ser redirecionado para um bode expiatório dentro do grupo, justificando assim a violência e a exclusão. O *bullying* muitas vezes tem como alvo indivíduos que são percebidos como diferentes ou desviantes em relação à norma social estabelecida. Isso pode incluir diferenças de gênero, classe social, orientação sexual, raça, etnia, entre outras características.

De acordo com Longo (2022, p. 211), “algumas vítimas ainda se identificam com o agressor, desencadeando mecanismos masoquistas que desencadeiam episódios de automutilação e tentativas de suicídio. Há também, a possibilidade de que o alvo se transforme em agressor”.

Ainda pode-se pensar no conceito de repressão como uma base que ajuda a pensar sobre os mecanismos envolvidos no *bullying*. Uma vez que as vivências agressivas experienciadas por vítimas de *bullying* podem deixar marcas impactantes, surge a possibilidade de se supor que esse mecanismo pode atuar nessa dinâmica. A repressão, segundo Freud (1900/2019), é um processo que segue a tendência do aparelho psíquico de evitar o desprazer. Nesse sentido, o pré-consciente faz com que alguns conteúdos dolorosos que estão presentes sejam apartados e levados para o inconsciente.

1.4 - Tipos de Vítimas

Em suas elaborações psicanalíticas sobre o *bullying*, o psicólogo Marangoni (2022) escreveu o livro *A Psicanálise do Bullying*, e nele estabeleceu três tipos de vítimas mais comuns de serem observadas nessa dinâmica: a vítima típica, a vítima provocadora e a vítima agressora. A distinção entre elas será aqui abordada. Contudo, o autor chama atenção para o fato de que essas categorias não são necessariamente estáticas e por mais que algumas pessoas se encaixem com mais precisão em uma categoria, por vezes as vítimas podem se comportar com algumas características de outras.

Segundo Marangoni (2022), a vítima típica é quase um consenso entre pesquisadores da temática, pois suas características costumam ser muito semelhantes em estudos nacionais e internacionais. Comumente, essas pessoas se destacam por serem mais retraídas, vulneráveis, temerosas e com um autoconceito rebaixado. As vítimas típicas são pessoas que têm “maior propensão para se comportarem de forma autodestrutiva, colocando-se em risco, abusando de substâncias psicoativas, produzindo cortes no próprio corpo, etc., e, somado a isto, maior propensão ao suicídio maior propensão à desenvolverem transtornos psíquicos, sobretudo um comportamento depressivo (p. 39)”.

Elas não costumam provocar os agressores e raramente reagem às agressões, por se sentirem sem os recursos necessários. Geralmente, essas pessoas experimentam sentimentos de tristeza, vergonha, medo e uma sensação de desamparo. Ao invés de revidar, essas vítimas podem eventualmente compartilhar o que aconteceu com colegas, professores ou familiares, na esperança de que alguém intervenha em sua defesa, já que se sentem incapazes de se proteger sozinhas (Marangoni, 2022).

Em acréscimo à definição dessa categoria, Marangoni (2022) reafirma que a característica mais marcante desse tipo de vítima é a incapacidade de se defender de seus agressores. Isso lança luz a uma elaboração do teórico de que há uma configuração subjetiva de existência extremamente dependente:

Não obstante a maior gravidade das ações de violência, a inação da vítima (típica) expõe sua necessidade de amparo e ajuda constantes, sua necessidade permanente de alguém que possa agir em seu lugar. A passividade exagerada pode ser reflexo de imaturidade da vítima (típica), que, frente às dificuldades, “opta” continuamente pela busca de “soluções” em seu mundo interior, isto é, “soluções” no campo individual, como quando convence a si própria de que “não há nada que possa fazer” e assim justifica sua inércia profunda frente à vida. Quando acentuada, a dependência e/ou a negação, o derrotismo, a resignação - “opções” operadas no campo psíquico-individual - são fatores negativos, porque a vida, seja no domínio concreto, seja no domínio subjetivo, é permeada, do nascimento até a morte, por conflitos, pessoais e interpessoais. E é importante vivenciá-los para que se possa avançar em direção ao amadurecimento. (p. 41-42)

Marangoni (2022) ainda utiliza os estudos correlacionais de Ladd e Kochenderfer Ladd (1998) para traçar outros aspectos das vítimas típicas de *bullying*. Segundo esses pesquisadores, existe uma correlação entre a referida incapacidade de reação por parte das vítimas típicas e a qualidade do vínculo com seus cuidadores. Um vínculo definido por esses autores (1998) como de “exigência intrusiva”, no qual os cuidadores fazem muitas intromissões nas escolhas e comportamentos de seus filhos, é capaz de gerar um comportamento menos autônomo e mais submisso, que acaba culminando em tornar-se uma vítima mais fácil e proeminente para agressores.

Ainda segundo os estudos de Ladd e Kochenderfer Ladd (1998), conforme exposto por Marangoni (2022), o vínculo entre os cuidadores e seus filhos com demonstrações exacerbadas de afeto, proximidade quase ininterrupta e hiperproteção, acaba findando em maior propensão às agressões dos *bullies*.

Marangoni (2022) adapta esses estudos para a linguagem psicanalítica e afirma que há a manutenção, nesses casos, do vínculo narcísico-simbiótico, já que se pode pensar em uma fusão onipotente entre um dos ou ambos os cuidadores e o bebê que perdura mais do que o necessário. O autor (2022, p.45) afirma, além disso, que se pode pensar que as vítimas típicas de *bullying*, podem ter uma “dependência primordial ainda não superada” que “impede o desenvolvimento de recursos psíquicos que a habilitem a manejar conflitos, particularmente os que se relacionam com o *bullying*”.

O segundo tipo de vítima descrito pelo autor é a vítima provocadora. De acordo com Marangoni (2022), esse tipo de vítima provoca seus agressores, mas, de modo similar à vítima típica, não tem os recursos necessários para se defender com eficácia. O autor afirma que são pessoas mais impulsivas, que costumam se envolver em brigas e discussões. Além disso, pontua também que são pessoas com baixa tolerância à frustração.

Quando esse tipo de vítima encontra algum obstáculo, costuma agir com agressividade. Porém, Marangoni (2022) afirma que sua violência “é predominantemente reativa e não propositiva, ou seja, não premedita atacar os colegas, todavia desperta a irritação destes devido suas dificuldades em controlar os próprios impulsos, importunando os colegas até acarretar discussões, brigas, etc” (p. 49).

Seguindo essa linha de raciocínio, Marangoni (2022) afirma que, geralmente, são pessoas que sofrem por conta das próprias provocações causadas por suas atitudes:

Ou seja, as agressões sofridas são, na realidade, reações às provocações praticadas.

Aliás, mesmo após sofrer as consequências da provocação, as provocações se repetem e conseqüentemente se repetem as agressões. Depois das primeiras provocações e reações agressivas a vítima novamente, isto é, provoca sabendo que provavelmente será agredida, em uma dinâmica em que há com certeza um componente irracional mobilizando a provocação, mesmo que esta ocorra sem querer (p. 51-52).

Pode estar em jogo nessa dinâmica, segundo o mesmo autor (2022, p.52), algo aprendido em um ambiente familiar no qual, as agressões, ainda que causando sofrimento, foram introjetadas como atenção, amor e cuidado, ocasionando assim um padrão, que “pode eventualmente reimprimir-se na relação com os colegas na escola”. Ou seja, essas vítimas podem sentir “o ataque dos bullies como uma forma de sentirem-se estimados entre os colegas da escola, mesmo que, concomitantemente, haja sofrimento e raiva devido aos ataques, como também existe no íntimo da criança que é agredida pela mãe” (Marangoni, 2022, p.52).

O terceiro e último tipo de vítima descrito por Marangoni (2022) é a vítima agressora. Segundo o autor, esse tipo de vítima é aquela que quando encontra pessoas percebidas como mais fracas que ela no sistema, a fim de desviar a atenção e dar vazão às suas emoções, reage de modo indireto praticando violência contra essas pessoas tidas como mais frágeis. Nesse sentido, a vítima agressora não apenas reproduz como também reedita as crueldades a ela dirigidas agindo com outrem. Porém, deve-se lembrar que para caracterizar-se como vítima agressora, ela deve precedentemente ter sofrido a ação dos *bullies* e, secundariamente, agredir alguém (Marangoni, 2022).

Marangoni (2022) afirma que o *bullying* causa um “desejo de vingança direcionado aos agressores: naturalmente, a agressão sofrida produz o desejo de revanche”. Esse desejo não se encontra somente nas vítimas agressoras, mas em quase todas elas:

É provável que a maior parte das vítimas de *bullying* já ao menos fantasiou uma grande vingança. Quando “compensam” as agressões sofridas agredindo inocentes, isto é, fazendo novas vítimas, pode-se afirmar que as vítimas agressoras estão redirecionando a retaliação, que originalmente seria dirigida aos agressores, caracterizando uma vingança indireta, por assim dizer. Como sentem-se sem forças suficientes para devolver aos agressores os maus tratos sofridos, desforram-nos naqueles que nada tem a ver com o assunto (p. 53).

Em conformidade com o que foi exposto anteriormente sobre os massacres ocorridos em escolas, Marangoni (2022, p. 53) afirma que essas vinganças podem tomar proporções catastróficas e transparecem, além da dor e revolta das vítimas, uma vez que demonstram “o quão prolongado foi o período de tempo que perduraram as agressões e o quão acumulado encontrava-se o ódio e o ímpeto de vingança”. Além dos massacres, esse autor também chama atenção para o número de vítimas de *bullying* que cometem suicídio e endereçam vídeos e cartas para seus *bullies* como forma de revanche. Nesse caso, a violência acaba sendo autodirigida a níveis extremos.

Capítulo 2

Metodologia

Este trabalho, de natureza qualitativa e exploratória, foi desenvolvido com base nos princípios metodológicos da Análise de Discurso, em articulação com as contribuições teórico-clínicas da psicanálise.

As pesquisas de base exploratória são multifacetadas. Elas têm como objetivo examinar um problema para aprofundar a compreensão dele, utilizando pesquisas bibliográficas, entrevistas contextualizadas e análise de exemplos elucidativos (Gil, 2017).

Já as pesquisas qualitativas, conforme explicitado por Minayo e Sanches (1993), buscam compreender minuciosamente os fenômenos e as interações humanas que surgem a partir deles, sendo sempre permeados pelo campo da subjetividade e devendo o pesquisador levar em conta a impossibilidade de se separar por completo sujeito e objeto.

2.1 - Participantes

Foram convidados para participar desta pesquisa quatro indivíduos adultos, com faixa etária entre 23 e 32 anos, sendo dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, os quais já tivessem vivenciado experiências de *bullying* em suas histórias de vida.

A amostra foi selecionada por conveniência e os participantes foram recrutados através da rede de contatos do pesquisador.

2.2 - Instrumentos

Para a realização da pesquisa, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada com 16 questões que nortearam a condução da entrevista (Apêndice A).

Procedimentos

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília, tendo recebido o número CAAE 80742724.7.0000.0023 (Anexo B).

Os participantes foram contatados por mensagem de Whatsapp e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo A) antes do início da aplicação da pesquisa.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, conforme Roteiro de Entrevista (Apêndice A), as quais foram gravadas em áudio e em seguida transcritas, para maior fidedignidade da análise dos resultados. Registros adicionais foram efetuados em um diário de campo. Cada entrevista teve a duração aproximada de 1 hora e foi realizada via plataforma Google Meet, conforme orientações constantes no Ofício Circular no. 2/2021/CONEP/SECNS/MS, que descreve os procedimentos a serem seguidos em pesquisas em ambientes virtuais.

Os resultados obtidos foram analisados com base no referencial teórico psicanalítico e na metodologia da análise de discurso, uma abordagem frequentemente utilizada na pesquisa qualitativa, que se destaca como um campo complexo de investigação, influenciado pelas contribuições do filósofo francês Michel Pêcheux.

O discurso abarca uma gama mais ampla de significados que vão além de interpretações concretas encontradas diretamente no texto. Ele é, por outro lado, uma expressão que permeia os aspectos mais profundos do sujeito, revelando toda uma história por meio da comunicação de maneira global. Ou seja, leva-se em conta as escolhas linguísticas, sua bagagem sociocultural, elementos gestuais e tanto o que é dito quanto o que não é tocado e o que fica implícito (Silva, 2013).

O pesquisador deve, portanto, adiar alguns entendimentos prévios que podem parecer mais óbvios de imediato e, por meio da desestruturação dessas ideias iniciais, criar um novo espaço de entendimento simbólico, que visa conjecturar e analisar minuciosamente o discurso de maneira ampla. Sendo assim, tudo o que acontece na entrevista é capaz de abrir possibilidades de interpretação, uma vez que o que é produzido durante a entrevista é único e vai variar a depender de quem é entrevistado e do pesquisador que, à sua maneira, posteriormente, supõe caminhos interpretativos.

Essa articulação entre o manifesto e o inconsciente, através dos esquecimentos, pontos de interrupções e repetições, quando levados em consideração conjuntamente ao contexto social e histórico do sujeito, permite ao pesquisador em psicanálise teorizar sobre o discurso.

Na fase de análise e interpretação, a escuta flutuante, conforme sugerido por Figueiredo e Minerbo (2006), é uma abordagem útil. Isso implica uma escuta não direcionada ao tema central, mas sim focalizando elementos que possam expandir o texto e permitir a criação de novos sentidos sobre ele.

Neste trabalho, visou-se analisar o material coletado a partir desses preceitos, destacando os temas proeminentes nas entrevistas e as teorizações propiciadas pelas ações dos participantes.

Capítulo 3

Resultados e discussão

Para a realização deste trabalho, foram entrevistados quatro participantes, sendo dois homens e duas mulheres, que serão aqui apresentados por nomes fictícios. De acordo com as entrevistas realizadas, o *bullying*, como uma forma persistente de violência psicológica, física ou emocional, deixou marcas profundas nas vidas dos quatro entrevistados, moldando significativamente suas subjetividades.

A primeira entrevistada foi Juliana, de 27 anos. Juliana é uma mulher branca, jornalista e estudante de medicina veterinária. Natural de Goiânia e atualmente reside em São Paulo. Juliana viveu uma infância marcada por presenciar episódios de violência doméstica entre seus pais e vivenciar *bullying* na escola, tendo sido ridicularizada por ter o cabelo cacheado e alguns comportamentos que destoavam de seus colegas, como perguntar muito em sala de aula e responder prontamente aos questionamentos dos professores. Ela relatou ter sido xingada, excluída e intimidada sistematicamente. Essas experiências contribuíram para uma dissociação de suas memórias positivas infantis, o desenvolvimento de anorexia na adolescência, hipervigilância e posteriores dificuldades de socialização.

A segunda entrevistada foi Carina, de 23 anos. Carina é uma mulher branca e estudante de psicologia. Natural de Planaltina (DF) e reside no mesmo local. Carina contou que enfrentou *bullying* relacionado ao seu rápido ganho de peso durante a infância, que se manteve durante os anos posteriores e a levou a se isolar mental e socialmente. Ela também desenvolveu retraimento social e uma relação conflituosa com seu corpo, que acarretou em bulimia e problemas de autoimagem que persistem até hoje, agravados por críticas familiares.

O terceiro entrevistado foi Manoel, de 31 anos. Manoel é um homem negro e letrólogo. Natural de Brasília e reside no mesmo local. Ele contou que sofreu *bullying* por

conta de sua orientação sexual, o que acabou fragmentando sua identidade, o fez questionar seus próprios gostos e reprimir sua verdadeira expressão durante muitos anos, até a aceitação e expressão de sua sexualidade após o fim do ensino médio. Ele afirmou que, hoje em dia, sente-se mais seguro que antes, porém alguns problemas de autoconfiança ainda permanecem.

O quarto entrevistado foi Augusto, de 30 anos. Augusto é um homem branco, educador físico e atualmente estudante de medicina veterinária. Natural do Gama (DF) e reside no mesmo local. Augusto revelou que viveu o *bullying* através de xingamentos sobre sua “estranheza”, sua sexualidade e sua aparência “feia”. Ele contou também que experienciou ameaças constantes de agressões físicas, o que o levou a se retrair por completo socialmente. Evitando qualquer confronto, o resultado dessa vivência foi um profundo sentimento de despertencimento e baixa autoestima que persiste até hoje. Cada um dos participantes carrega as cicatrizes desse período, moldando suas subjetividades e relações na vida adulta.

Rejeição e Idealização: O Impacto Psíquico de Não Pertencer

Durante as entrevistas, foi possível perceber que os problemas derivados da sensação de rejeição de seus pares apareceram como aspecto central nos discursos dos quatro participantes. Todos relataram, às suas maneiras, uma sensação constante de não pertencimento que marcou suas experiências escolares e familiares, e influenciou diretamente a forma como cada um se relaciona consigo e com os outros na vida adulta.

Apesar de a rejeição ter sido narrada por todos os participantes, ela se manifestou de maneiras distintas no discurso de cada um deles. Manoel (32), por exemplo, descreveu que seus interesses eram considerados fora do comum para os meninos e o colocaram em uma posição de alteridade que produziu nele a necessidade de fingir ser alguém diferente para se

adequar às expectativas dos colegas: “eu tinha que ser outra pessoa naquele momento que eu visivelmente não era (pausa) por dentro”. Pode-se supor, inclusive, que a pausa dada neste momento indica que ele tentou ao máximo se adequar para transparecer outra imagem e até mesmo se convencer a partir do que propelia externamente.

No discurso de Juliana (27), a rejeição é observada a partir do relato de que, desde cedo, ela nunca se sentiu pertencente a um grupo, independentemente de qualquer tentativa de adaptação:

Eu meio que nunca fiz parte de um grupo de amigos, sabe? Eu tinha as meninas que gostavam de mim, que se relacionavam comigo individualmente. Mas, geralmente, quando elas estavam em grupo, eu ficava meio pra escanteio, assim. Então eu tenho uma amiga muito grande, que faz parte da minha vida até hoje, mas eu sempre tinha a sensação que a gente só funcionava quando tava [sic] só nós duas sozinhas, sabe? Quando tinha outras pessoas, eu ficava me sentindo meio singularizada, com dificuldade de interação, sabe? Meio sem saber o que fazer.

Enquanto Manoel (32) conseguiu parcialmente se adaptar ao meio ocultando partes de sua identidade, relativas à sua orientação sexual, Juliana (27) se percebia excluída socialmente, mesmo quando tentava se integrar, o que nos ilustra a possibilidade de como a experiência de se sentir rejeitado pode ocorrer tanto pela tentativa de pertencimento relativamente bem-sucedida, como no caso de Manoel (32), quanto pela tentativa de pertencimento malsucedida, como no caso de Juliana (27).

Pode-se relacionar essa rejeição percebida com o conceito de narcisismo, tal qual exposto por Freud. Em sua obra *Introdução ao Narcisismo*, Freud (1914/2010) teoriza a importância do narcisismo primário para a constituição da subjetividade desde a infância, sendo uma fase inicial do desenvolvimento psíquico em que o sujeito direciona toda a sua

libido para si mesmo. Nesse estágio, o bebê não se diferencia entre ele e o mundo externo. Ele vive em um estado de plenitude e onipotência, acreditando que todas as suas necessidades serão satisfeitas automaticamente por seus cuidadores.

No entanto, à medida que a criança cresce, ela começa a perceber que nem todas as suas necessidades são automaticamente satisfeitas e que existem outras pessoas que podem frustrar ou atender aos seus desejos. Com isso, ocorre a transição para o narcisismo secundário. Nessa fase, o sujeito direciona parte da sua libido para o mundo externo, outras pessoas e objetos, mas ainda mantém uma parte voltada para si (Freud, 1914/2010).

Nessa fase do desenvolvimento, o narcisismo se deslocará ainda para o Eu ideal, que é a parte do Eu que se acha detentora de toda a perfeição. Freud argumenta que, libidinalmente, o sujeito não consegue renunciar à satisfação que sentiu com o narcisismo primário que foi desfrutado. Portanto, não querendo se livrar dessa perfeição que vivenciou anteriormente e “perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal” (Freud, 1914, p. 27).

Nesse sentido, pode-se pensar a violência causada pelo *bullying* e o sentimento de rejeição como produtores de uma angústia que mexe com o Eu Ideal dos sujeitos, o qual, por meio do Supereu lhes pune mentalmente cada vez mais por estarem aquém e distante do esperado em diferentes frentes. Nesse sentido, é possível supormos que os sujeitos que sofrem *bullying* podem engendrar-se em uma narrativa que os impede de se ver de forma positiva, o que pode acabar gerando insegurança, isolamento e até a construção de barreiras defensivas posteriores que agravam a situação.

Juliana (27) contou ainda que suas tentativas de pertencimento produziam nela mais ansiedade e ela sentiu ter entrado em um ciclo vicioso, no qual ela: “tentava, falhava, e aí isso

gerava mais ansiedade, e aí eu tentava de outro jeito e falhava. E aí começou a ficar uma coisa meio esquizofrênica, quase como se eu fosse um extraterrestre (risos) tentando interagir com as pessoas, sabe?”.

Para além do desejo de pertencimento, pode-se pensar a percepção da rejeição sentida por Juliana (27) aliada ao sentimento de um distanciamento de seu Eu Ideal, já que, segundo Freud (1914/2010, p.28), a “formação de ideal aumenta as exigências do Eu e é o que mais favorece a repressão”. O teórico postula ainda que há uma instância psíquica responsável por garantir a satisfação narcísica por meio do ideal do Eu. Essa instância exerce uma vigilância constante sobre o Eu atual, avaliando-o e comparando-o com o padrão ideal estabelecido. Isso pode ter sido o responsável por Juliana (27) afirmar enxergar-se como um extraterrestre, nessa lógica alguém que está muito distante do idealizado por seu Supereu.

Assim como Juliana (27), Augusto (30) mencionou que também foi rejeitado pelos colegas e rotulado como “estranho” e “gay”, mas disse que, à época, não compreendia muito bem porque se sentia tão deslocado:

Por eu ter dificuldade de convívio social, eu não me misturava com facilidade. E quando eu conversava com alguém, tinha os trejeitos. Então, por eu não conversar tanto, eu já era taxado de estranho. E, por trejeitos, aquele grupinho de meninos já começava a falar: olha o gay.

Durante a entrevista, Augusto (30) revelou ainda que recebeu um diagnóstico tardio de Transtorno do Espectro Autista (TEA), assim como também entendeu melhor sua orientação sexual. Esses aspectos lhe fazem sentir que hoje entende melhor sua maneira de ser, apesar dos impactos danosos do *bullying* em sua história de vida. É possível inferir que tanto o diagnóstico como a identificação com a homossexualidade, para além de ajudá-lo a

compreender melhor sua maneira de ser, também lhes deu lugares de pertencimento que sempre lhe faltaram e foram negados através da rejeição.

Para Carina (23), o medo da possível rejeição é algo que persiste até os dias atuais. Durante suas falas, ela mencionou uma situação que ocorreu há pouco tempo:

Eu tava na zumba, obviamente pra [sic] emagrecer. E eu me lembro de uma menina chegando e falando “você está tão sozinha... vou conversar com você”. Eu fiquei “e eu tenho cara de pobre coitada?” - eu pensei. Só que eu fiquei extremamente constrangida. Eu fui tipo... empática com ela, porque eu não sabia como reagir, eu estava extremamente desconfortável. Eu só queria ir embora e eu nunca mais voltei lá. Tive que pagar uma multa de 300 reais na academia, mas eu nunca mais pisei naquela academia.

É possível perceber nesse caso que Carina (23) já antecipa, através do resgate de suas memórias anteriores, uma possível rejeição antes mesmo que ela dê qualquer sinal de que possa acontecer. Ela demonstra, através de seu discurso, um medo de que algo dê errado, que possivelmente não estaria presente caso não tivesse vivenciado *bullying* em sua história de vida. Para além disso, a situação também pode ser lida como uma interpelação de seu Eu Ideal. Ao puxar um assunto com ela e vê-la em certo momento de fragilidade, no qual ela está buscando seu ideal de magreza, a colega de academia pode ter tocado em questões sensíveis relativas à Carina (23) estar aquém, naquele momento, da idealização de uma pessoa que já tem um corpo desejável e relaciona-se com facilidade.

A rigidez do Supereu e o medo da rejeição estão presentes em diversos momentos do discurso de Carina (23) e seus efeitos podem ser observados até os dias atuais. Mesmo ela dizendo que aquela foi uma época muito difícil e hoje em dia ela está melhor, algumas cicatrizes permanecem: “Isso também afetou muito a questão de relacionamentos amorosos,

sabe? Eu nunca me achei boa o suficiente [neste momento ela teve uma fala rápida e embolada] para estar em um e eu ainda não acho, sinceramente”.

Frustração e Perfis de Vítima: Uma Análise Integrativa

Frustração é um termo que define, de acordo com Moura (2008, p.7) a “insatisfação por algo ou o desprazer”. A autora (2008) argumenta, utilizando preceitos psicanalíticos, que a frustração possui uma face externa, na qual alguém ou alguma coisa impede a satisfação libidinal, e uma face interna, que estaria alinhada à “recusa de si mesmo”. Moura (2008, p.7) utiliza Kaufmann (1996) para definir que é “a incapacidade da pulsão em atingir sua finalidade, como forma de diminuir as tensões internas que surge a frustração”. Além disso, concatenando esse conceito com o que foi apresentado no tópico anterior, pode-se pensar a frustração a partir da idealização, já que é possível que ela surja através da imposição do Supereu ao sujeito de seguir determinados padrões estabelecidos por ele. A não realização desses ideais pode desembocar em frustração.

Em ambos os discursos, de Augusto (30) e Juliana (27), apareceu nominalmente o sentimento de frustração como resultado da violência percebida. Para Juliana (27), a frustração surgiu na adolescência porque, apesar de suas tentativas de pertencer a algum grupo, aspecto fundamental para muitos sujeitos nessa faixa etária, ela não obtinha sucesso:

Eu acho que eu me sentia muito frustrada na adolescência. Acho que já era uma época que eu tinha um pouco mais de domínio sobre as emoções para entender o que eu estava sentindo. Então, eu me sentia muito frustrada porque, de certo modo, eu acho que eu queria pertencer a aquele grupo maior também, sabe? Eu queria passar pelo crivo da aceitação e eu não sabia quais eram os critérios. Eu não sabia por que eu estava sendo rejeitada, eu não sabia o que eu precisava fazer para ser aceita.

Juliana (27) ainda compartilhou que enxerga a sua atual ansiedade social como sendo um dos impactos do *bullying*, já que ela sempre fica repensando tudo que fala em situações depois que elas passam. No momento em que compartilhava isso, Juliana (27) arregalou os olhos e deu ênfase à palavra “tudo”, o que pode sugerir uma hipervigilância que se atrela à expressão de um Supereu severo e corrobora com a passagem explicitada no tópico anterior.

Para Augusto (30), a frustração surgia quando ele se questionava o porquê de estar sofrendo aquela situação, em relação à qual ele não enxergava saída imediata. Assim, ele tinha que lidar com cobranças internas que não conseguia elaborar: “frustração no sentido de receber ataques gratuitos. Frustração em, muitas das vezes, não saber como responder ou como reagir. Frustração em me perguntar quando é que aquilo acabava ou quando aquilo ali ia melhorar”.

A mesma frustração relatada por Augusto (30), de não conseguir reagir diante da violência, surgiu de maneira muito similar no discurso de Carina (23), denominada de incompetência: “e também um sentimento de incompetência da minha parte, de não conseguir sair daquilo, da situação, sei lá, sabe? Ou me mudar, ou tacar a cadeira em alguém, reagir. Não ficar só estática vendo as coisas acontecerem ao meu redor”.

Carina (23) disse que, por não ter outros recursos para se defender do *bullying* na realidade, encontrou refúgio para a fuga do real no mundo online. Porém, é perceptível pelo seu discurso que o sentimento de angústia ainda permanecia:

Eu fui me afastando, não me comunicava muito com as pessoas, ficava mais retraída porque eu sentia que se eles me vissem eles iam falar coisas cruéis e eu ia chorar.

Então começou essa questão que piorou muito no ensino médio. Foi ali tipo 14, 15 anos... eu me envolvia muito em questão de entretenimento online, tipo animes, essas coisas Aí eu meio que fiquei presa nessa questão, sabe, do imaginário. Eu me

envolvia muito ali e eu ficava sempre aí, só tava sempre no celular, mexendo em alguma coisa, jogando videogame e não comunicava com as pessoas gostava dos ideais que eles tinham nos jogos. De proteger os mais fracos historicamente, de destruir aqueles que estavam no topo [nesse momento ela deu uma risada].

Nesse sentido, pode-se perceber que o mundo da fantasia ocupou o lugar do real sofrido para Carina (23). E lá, ela até mesmo poderia vingar-se, de certa maneira, de seus agressores, destruindo “aqueles que estavam no topo”. Sua risada pode sugerir que, hoje em dia, ela sabe que está falando de algo que gostaria de ter vivenciado naquela época, na realidade.

É viável relacionarmos as experiências de Carina (23) com a teorização de Marangoni (2022, p. 55), quando afirmou que sujeitos que “dispõem de menores forças para vivenciar e manejar os problemas e dificuldades ‘inerentes às relações humanas, tendem a isolar-se cada vez mais, a buscar refúgio no universo virtual, a apoiar-se em relacionamentos (virtuais) que, na prática, são fragmentados, incompletos”.

Pode-se relacionar a postura de Augusto (30) e Carina (23) diante das agressões com o conceito de vítima típica defendido por Marangoni (2022). Essas são, geralmente, sujeitos mais sensíveis e tímidos, frequentemente com um sentimento de “vulnerabilidade, baixa autoestima e incapacidade de se defender. Não raramente são de poucos amigos, podendo chegar ao isolamento social, tanto por serem excluídos por parte dos colegas, quanto por características próprias, as quais podem resultar em isolamento voluntário” (Marangoni, 2022, p. 106).

Quando questionado sobre qual sua reação diante do *bullying*, Augusto (30) afirmou que muitas vezes não fazia nada porque “não dava pra responder” e ele “tinha que ficar calado”. Segundo ele, sua reação era inviabilizada porque ele era apenas um, “em um grupo

de gente fazendo comentários desnecessários. Então, ou eu ficava calado ouvindo, ou às vezes eu até tentava responder, mas muitas das vezes não dava. Então, a reação maior era ficar calado ouvindo”.

Augusto (30) relatou que uma única vez tentou reagir diante das agressões sofridas; porém, não foi bem-sucedido e essa experiência criou para ele um trauma e medo de que tudo pudesse piorar, caso ele reagisse:

Quando eu estava sofrendo os comentários, eu fui na direção da escola. E a direção da escola chamou os envolvidos e chamou os meus pais. Só que dentro dessas pessoas tinham pessoas que eram de gangue. Então a direção da escola me chamou na hora da... Eu saí com o batalhão escolar com medo de retaliação da gangue. É... [nesse momento, o entrevistado fez uma pausa longa e fechou os olhos]. Então, meu pai me buscou mais cedo e justamente para evitar, eu fui embora mais cedo. Fiquei alguns dias fora da escola, porque eu tive que remanejar com os alunos dessa... pra me remanejar de escola, né? Mas aí, por conta disso, eu evitei. O meu medo é: se a primeira vez que eu pedi socorro, o batalhão teve que ir lá imagina numa próxima o que podia acontecer.

Além de Augusto (30) e Carina (23), é possível supor que Manoel (32) também seja uma vítima típica, uma vez que durante todo seu discurso demonstrou ter adotado uma postura não provocativa e mais passiva diante dos ataques. Ele contou que dentre as situações que enfrentou, a que mais lhe marcou foi quando foi segurado pelos braços à força por seus então amigos do prédio, para que outro menino lhe assediasse com um beijo e provasse para todos que ele era gay. Diante da situação, Manoel (32) afirmou ter sentido muita raiva, mas não sabia como reagir. Ele conseguiu, eventualmente, libertar-se do bloqueio de seus amigos.

No entanto, sua reação foi correr e sair chorando para casa. Em outro momento, ele contou que:

“Quando acontecia qualquer situação que me desagradava que eu me sentia, de repente, ofendido também, era um sentimento muito ruim, muito triste, um sentimento do tipo: eu tô sozinho nessa, ninguém me entende. Em vários momentos eu chorei por causa disso porque eu não tinha ninguém para me apoiar quando acontecia esse tipo de coisa. Eu não podia nem falar com os meus pais sobre isso, eu não tinha pessoas muito próximas que entendessem esse meu lado na época. Então assim, o sentimento era muito de solidão”.

Essa solidão relatada por Manoel (32) pode ser lida, inclusive, como uma solidão interna, no sentido de que ele mesmo se sentia abandonado por si, por ainda não compreender ou não ter os recursos psíquicos suficientes para lidar com as situações pelas quais passava. Assim como também estava cindido entre os sentimentos evocados pelo transcurso da descoberta e não aceitação de sua sexualidade concomitantemente ao *bullying* que sofria.

As falas de Augusto (30), Carina (23) e Manoel (32) estão em concordância com o conceito de vítima típica, tal como exposto por Marangoni (2022), quando afirmou que elas tendem a adotar uma postura mais passiva e submissa, além de apresentarem níveis mais altos de ansiedade. No entanto, Marangoni (2022) chama atenção ao fato de que, apesar de essas pessoas estarem em uma posição de vítima, é preocupante nelas a falta de agressividade e a incapacidade de se defenderem, ao não possuírem os recursos psíquicos necessários para o enfrentamento de tais situações. Pode-se pensar, nesses casos, que a agressividade acaba sendo desviada de sua meta originária, o que surgiu na fala de todos os participantes como um ponto curioso de se observar.

Juliana (27), no entanto, divergiu dos outros participantes em relação ao tipo de vítima, de acordo com os conceitos de Marangoni (2022). Ao tocar nessa temática, Juliana (27) demonstrou certo desconforto e dificuldade de tratá-la, perceptível pelas pausas empregadas quando começou a abordar, mesmo que tenha sido espontaneamente, sem um questionamento prévio do pesquisador. Ela relatou que não foi uma adolescente fácil de lidar e acrescentou: “eu também fui muito...é... acho que é...verbalmente agressiva com outras pessoas... eu acho que eu também pratiquei *bullying*... também afetei a vida de outros colegas. Então eu.. é... é [neste momento gaguejou e sua voz fraquejou] bem confuso para mim isso, na verdade”.

Essa confusão relatada por Juliana (27) pode indicar que, de certa maneira, ela sabia o que estava fazendo e por que estava fazendo, mas não via outra forma de aplacar seu sofrimento se não a estratégia que adotou. E agora, ao falar disso no presente, se sente envergonhada. Quando questionada diretamente pelo pesquisador se praticou *bullying*, ela respondeu:

Eu acho que sim, com os mais fracos, sabe? [soltou uma risada nesse momento]. Tipo com os nerds que eram meio a fim de mim, eu era bem... eu tinha uma postura muito agressiva com eles. E hoje eu sinto muito por isso, acho que foi muita imaturidade da minha parte. Eu tento me perdoar um pouco pelo fato de que eu estava vivendo muitas coisas ao mesmo tempo, eu acho que eu estava tentando fazer o melhor que eu podia, mas eu acho que eu era... eu... eu acho que eu queria ver as pessoas ficarem magoadas também, sabe? Em certa medida. Eu acho que por ser rejeitada por um grupo de meninos e ter o poder de rejeitar outros, eu acho que isso me dava uma certa autoconfiança, não sei.

Essas falas da participante corroboram com os estudos de Marangoni (2022) ao definir a vítima agressora como aquela que repete os maus tratos contra aqueles a quem ela categoriza como mais fracos, tanto para tirar o foco de si quanto para extravasar seus sentimentos. Pode-se pensar também que Juliana (27) realizava esses atos como uma provável tentativa de sentir-se menos “extraterrestre”, com um menor “sentimento forte de alteridade” e passaria a sentir-se menos sozinha em atravessar a vivência do *bullying*.

Juliana (27) compartilhou também que esse ciclo de vítima-agressor não foi algo somente que ela praticou, mas alguns de seus colegas também estavam presos nessa dinâmica que acabava criando um ciclo de agressividade: “eu sei de meninos que praticaram *bullying* comigo que estavam sofrendo racismo. Ou então eu pratiquei *bullying* com outras pessoas, sabe?”.

Essas falas corroboram com Marangoni (2022, p. 52), quando ele afirmou que, apesar das vítimas típicas não reagirem, a agressividade ainda está presente nelas. O autor também argumenta (2022) que entender a dinâmica das vítimas agressivas é importante porque nos mostra, em oposição, que um desejo de vingança opera nas vítimas de *bullying* em geral, quer ele seja externalizado e praticado ou contido. Caso não seja externalizado, pode acontecer que “a contenção prolongada desta ira, sem forças para sair, reverbera em rancor, em ressentimento e, conseqüentemente, em infelicidade que pode determinar o comportamento do indivíduo”. Ou seja, quando recai a sombra da ira sobre o sujeito, essa ira pode ter efeitos que se prolongam e acabam “prejudicando, portanto, o campo das relações humanas, a vida pessoal e social destes indivíduos” (Marangoni, 2022, p. 52).

Do Ataque ao Corpo à Agressividade Psíquica: Reflexos da Violência e Exclusão Social

A agressividade das vítimas que foi exposta no tópico anterior, pode se articular com outros conceitos. É possível supormos que, no caso de Juliana (27), ela mesma pode ter se identificado com os mais frágeis, com quem ela fazia *bullying*, e resolveu agredi-los com base nessa ideia, como certa forma de punição também.

Já no caso de Carina (23), que possui uma postura mais passiva, ela relatou que costuma, com frequência, perdoar quem lhe faz mal como uma forma de defesa, pois acredita que irá perder a convivência com pessoas próximas, caso não faça isso: “eu mesma crio justificativas na minha cabeça e deixo passar. No fundo, eu sei talvez eu não goste muito de mim e eu faça isso, sabe? Tipo, tudo bem me magoar enquanto eles não se magoam”.

Essa declaração de Carina (23) pode ser compreendida com base nos estudos de Freud (1924/2019) sobre o masoquismo. Freud argumenta que, ao contrário da visão comum de que o princípio do prazer governa os processos psíquicos, o masoquismo desafia essa lógica. Segundo ele (1924/2019, p. 166), “o masoquismo torna-se algo incompreensível. Se a dor e o desprazer podem já não ser advertências, mas objetivos em si mesmos, o princípio do prazer é paralisado.” Isso sugere que, no caso do masoquismo, o desprazer é buscado como um fim, o que desestrutura a predominância do prazer como guia das ações e emoções.

Nesse sentido, o masoquismo, de acordo com Freud (1924/2019, p. 172) atua como um sadismo voltado para o próprio sujeito: “em determinadas circunstâncias, o sadismo ou instinto de destruição voltado para fora, projetado, pode ser novamente introjetado, voltado para dentro”. Isso pode ser exemplificado através de outra fala de Carina (23), quando ela disse que em toda sua vida lhe falaram palavras depreciativas, então agora ela mesma as fala para si, como uma maneira inconsciente de praticar *bullying* consigo, um *autobullying*.

Ao mesmo tempo em que revela um desconforto, o discurso de Carina (23) também pode ser lido como contendo uma espécie de prazer ao reeditar e direcionar o sadismo de seus colegas para si, adquirindo um certo controle sobre a situação por meio dessa saída. Nessa perspectiva, de acordo com Freud (1924/2019, p. 178) “o sadismo do Super-eu e o masoquismo do Eu complementam um ao outro e se juntam para produzir as mesmas consequências”.

Diferentemente de Augusto (30), que relatou que as pessoas sempre lhe chamaram de feio e estranho, no caso de Carina (23), a exclusão social é narrada como uma consequência direta das mudanças corporais que ela sofreu durante a infância, após ter ganhado peso por conta de um tratamento médico: "em um mês eu engordei 20 quilos. Aí ali começou a questão do *bullying*, eu comecei a ficar mais retraída na escola e tudo mais porque eu não sabia lidar com aquilo. Até hoje eu não sei lidar com isso". Segundo Carina (23), o *bullying* que ela sofria relativo ao seu corpo tanto a fizeram se excluir voluntariamente para não sofrer mais, ocasionando uma mudança da criança extrovertida que ela era, como ela também foi excluída pelos outros ao mesmo tempo: “as pessoas se afastaram também porque eu me afastei muito. Então, criou meio que um muro ali”.

Pode-se supor também que a exclusão social de seus colegas, sentida por Carina (23) está relacionada com a idealização de um corpo para encaixar-se nos padrões sociais. Nesse sentido, Freud dizia que “a idealização é um processo envolvendo o objeto, mediante o qual este é aumentado e psiquicamente elevado sem que haja transformação de sua natureza” (Freud, 1914/2019, p. 28).

Além disso, deve-se levar em conta que os perpetradores do *bullying* também estão identificados com esses ideais simbólicos culturais, e, portanto, pode-se pensar que utilizam a reprodução de discursos violentos em pessoas que são consideradas mais fracas pelo grupo,

como forma de projetar suas inseguranças e manter o controle indireto da civilização (Freud, 1930/2010).

Dessa forma, a exclusão social aparece de maneira que se articula ao campo macrossocial, para além das esferas individuais de cada participante, revelando os processos psíquicos subjacentes ao *bullying* que não se limitam à dinâmica vítima-agressor. Segundo Freud (1921/2011), os indivíduos buscam pertencimento através da identificação com um grupo, adotando comportamentos e valores coletivos. No entanto, essa identificação se dá em torno de ideais compartilhados que estabelecem critérios de inclusão e exclusão. Aqueles que não se ajustam aos ideais dominantes do grupo são rejeitados ou marginalizados, como observamos nas falas dos participantes.

Ou seja, no caso de Carina (23), o corpo dela surge como um objeto de diferença, um espelho onde os colegas projetavam suas próprias ansiedades relacionadas à aparência e ao valor social do corpo. Esses ideais de corpo são divulgados constantemente e de diferentes formas pela sociedade, através de publicidades, filmes, séries e demais produtos culturais, fazendo com que as pessoas que estão fora sejam perseguidas e venham a sofrer violências diversas como consequência. O grupo, ao ridicularizá-la e afastá-la, reafirma o ideal de beleza que eles mesmos procuram alcançar e com o qual se identificam.

Manoel (32), por sua vez, relatou que sua exclusão estava ligada ao fato de gostar de coisas consideradas fora do comum para os meninos e, por isso, passou a andar mais na companhia de meninas: “nem eu sabia quem eu era naquela época, sabe? Eu sabia que eu era diferente dos outros meninos, que eu não era igual a eles. Então, tanto fora da escola quanto na escola, eu me via sendo atacado”. Aqui é possível perceber que o grupo dos meninos, fora e dentro da escola, definia um ideal específico de masculinidade e heteronormatividade que

funciona como critério de aceitação pelo grupo. A incapacidade de Manoel (32) se alinhar a esse ideal fez dele, portanto, um alvo de rejeição.

Freud (1921/2011) argumenta que, ao se identificar com um ideal de grupo, os indivíduos projetam suas próprias fragilidades e inseguranças nos outros. Assim, o comportamento agressivo dos colegas e amigos de Manoel (32) pode ser interpretado como uma tentativa de projeção, na qual a inadequação que eles temem em si mesmos, de não estar a par desse ideal coletivo, é deslocada para o outro.

De forma semelhante, pode-se pensar o rótulo de “estranho” recebido por Augusto (30). Nesse caso, os colegas que praticavam *bullying* estavam estabelecendo um ideal coletivo de comportamento, rejeitando qualquer traço que fugisse da norma e pudesse ameaçar a coesão grupal. Ao identificar Augusto (30) como dissidente, o grupo agressor reafirmava sua própria identidade e se protegia da ameaça de sentirem-se individualmente inadequados. Isso tem efeito especial, caso se considere que o *bullying* praticado contra Augusto (30) se tornou mais crítico na adolescência, quando a inadequação é quase uma regra da fase.

Como já explicitado, Freud (1921/2011) não discorreu sobre o *bullying* especificamente, mas fez uma análise macrossocial e argumentava que os agressores, em contexto de grupo, projetam no outro os aspectos de si que não conseguiam aceitar, reforçando assim a distinção entre um nós e eles. As experiências relatadas por Juliana (27), Carina (23), Manoel (32) e Augusto (30) demonstram que a exclusão social não é apenas um fenômeno individual, mas uma formação coletiva, sustentada por mecanismos de projeção, identificação e ideais de grupo. Nesse sentido, a rejeição e a exclusão não operam apenas como agressões externas, mas também como formas de regulação psíquica do grupo. Ao atacar a vítima, o grupo se protege de enfrentar suas próprias fragilidades e reforça os ideais

que sustentam sua identidade. No entanto, foi possível perceber no discurso dos participantes que, para a vítima, essa dinâmica resulta em uma ferida profunda, que compromete a autoestima e a capacidade de se integrar ao mundo social, causando impactos que se prolongam até a vida adulta.

Para além da exclusão, no discurso dos participantes o corpo surgiu repetidamente como um alvo central da violência psicológica realizada através do *bullying*. A aparência física, seja pelo peso, pela textura dos cabelos, pela forma de se vestir e agir ou pela expressividade corporal, apareceu como critério para definir quem pertenceria aos grupos e quem seria marginalizado. Essa rejeição com base no corpo levou a um impacto significativo na autoimagem dos participantes, que desenvolveram uma relação conflituosa com a própria aparência, refletindo um processo de fragilização da autoestima e insatisfação corporal.

As experiências narradas mostram como a exclusão social por conta da aparência não apenas moldou a percepção do corpo, mas também afetou a maneira como cada um se relaciona com o mundo. No caso de Carina (23), a ferida foi tamanha que ela desenvolveu um quadro de bulimia:

Eu tenho descontrole... assim... eu nunca comentei isso com ninguém... mas durante meus 15, 16 anos, eu tive bulimia. Eu passei muito mal porque eu mesma eu não me aceitava, não aceitava o fato de eu ser gorda, eu odiava, eu fazia um monte de exercício, eu tomava remédio. Foram muitas situações horríveis, e até hoje, às vezes, eu tenho recaídas. Essas questões, quando eu como, sei lá, quando eu vou no McDonald's e como um negócio, aquilo ali acaba comigo.

É possível depreender do discurso de Carina (23) que suas questões individuais foram acentuadas pela exclusão pelo grupo através do *bullying*, o que gerou nela consequências que persistem em sua vida adulta. A pressão estética e o desprezo dos pares levaram ao

desenvolvimento da bulimia, que pode representar uma tentativa de controlar o corpo e conquistar uma sensação de valor pessoal. Carina (23) é a participante a qual isso se mostrou mais evidente, já que os ataques que sofria eram, majoritariamente, relacionados ao seu peso. Ela compartilhou que as ofensas utilizadas pelos praticantes do *bullying* tocavam em um ponto sensível dela consigo mesma:

Eu lembro que quando eu tava melhorando... porque nessa época eu comecei a mudar muito as minhas roupas... eu só usava roupas meio masculinas. E não é o que eu gosto de usar normalmente... mas eu usava pra... porque ... eu não gostava do meu corpo. E isso, até quando eu estava melhorando, estava usando uns negócios mais claros e tal... eu lembro do comentário do menino da minha sala ... e eu lembro ... que ele fez uma piadinha do tipo... “ah, cuidado que você não vai passar pela porta” e todo mundo ao redor riu. E eu fiquei muito chateada com aquilo... aquilo ali... acabou comigo de um jeito

É possível inferir, a partir desse excerto que, mesmo quando Carina (23) acreditava que as coisas poderiam melhorar, era lembrada por seus colegas de que ocupava um corpo que não era socialmente aceito. Além disso, a grande quantidade de pausas utilizadas para falar do assunto pode sugerir que é um assunto difícil de ser abordado até os dias atuais.

A aparência física, nesse contexto, é vista como um espaço de inadequação que desperta o desprezo dos outros. Essa exclusão faz com que o sujeito passe a se afastar socialmente, não apenas para evitar o julgamento, mas porque internaliza o olhar crítico e depreciativo do outro, desenvolvendo uma percepção negativa de seu próprio corpo.

Essa busca pelo controle do corpo, observada em outros participantes, torna-se um reflexo direto do impacto do *bullying*. No caso de Juliana (27), a reação foi desenvolver anorexia, empregando um controle rigoroso sobre a alimentação e o peso, como forma de

afirmar uma sensação de domínio interno. A própria participante descreveu que a exclusão social que sofria a fizeram tomar atitudes drásticas e perigosas contra si.

Eles faziam coisas como escrever meu nome com xingamento, com estilete na carteira. Eles me mandavam calar a boca quando eu fazia perguntas num volume que o professor não conseguia ouvir. Eles ficavam comigo escondido, sem contar pra ninguém, sabe? E depois, tipo, sei lá, me paravam no corredor pra falar que eu era escrota. Então, isso foi muito difícil. E aí eu acabei [nesse momento, ela deu uma pausa brusca] me relacionando com homens bem mais velhos do que eu... porque eu me sentia... não sei... acho que desejada... eu sempre tive muita dificuldade de entender por que eu estava sendo rejeitada... e aí várias coisas aconteceram... teve essa parte da agressividade até com outras pessoas. E aí... teve ansiedade também... teve a rejeição dos meninos... e aí eu desenvolvi anorexia. Então [nessa hora ela riu] foram anos muito difíceis pra mim. Não foi muito fácil, não. E aí, eu acabei sofrendo a violência psicológica e sexual desses outros caras mais velhos. Então, foi intenso.

Pode-se pensar que as reações de Juliana (27) e suas escolhas foram, de certa forma, uma maneira de aliviar a agressividade, que era destinada contra ela externamente, para seu interior, adentrando uma dinâmica masoquista, na qual, naquele momento ela tinha certo controle sobre o que acontecia. A pausa brusca na hora que comentou ter se envolvido com homens mais velhos pode indicar certo sentimento de vergonha de falar sobre isso. Assim como a risada após falar que desenvolveu anorexia pode assinalar que é um assunto difícil de ser abordado, no qual ela prefere colocar um pouco de humor para aliviar a carga pesada.

Juliana (27) ainda pareceu compreender que utilizou o álcool como uma tentativa de desviar-se da percepção do *bullying* e o utilizou como uma fuga: “Comecei a beber muito, então na época em que eu socializava mais, eu bebia bastante e acho que usava isso como

uma forma de lidar com a ansiedade social, que eu tenho até hoje”. Além do álcool, ela associou também que considera o desenvolvimento da anorexia como uma tentativa de aplacar a angústia e manter-se no controle da situação:

Eu acho que a anorexia também foi uma forma de lidar com isso, sabe? Porque eu me dedicava muito a não comer, a fazer exercícios demais, então eu ficava o tempo todo pensando sobre o que eu ia comer, o que eu não ia comer e como eu ia enganar meus pais, né? Então eu mentia que eu tinha almoçado com alguém ou que eu tinha comido na escola. Isso tomava [nessa hora ela riu] muita parte do meu tempo, pra ser sincera.

A difícil relação com o próprio corpo também causou sequelas para Manoel (32) e Augusto (30). No caso de Manoel (32), a exclusão social por conta de sua expressão pessoal provocou uma crise de identidade, na qual seu corpo e a maneira de se apresentar eram vistos como fatores de inadequação. Ele contou que desenvolveu uma hipervigilância em relação a sua maneira de agir ou se vestir, com medo da possível reação, para além de seus colegas, de seus pais: “qualquer coisa eu ficava: se eu der pinta demais aqui, meus pais podem ficar sabendo”. Manoel (32) contou que não podia se expressar da forma que queria na escola para não levantar suspeitas acerca de sua sexualidade. Disse que sempre que fugia um pouco da norma do grupo, era singularizado e chamado atenção, com frases como: “Nossa, e esse cabelo de viadinho? Olha esse *All Star* aí... Só quem usa *All Star* é menina. Quem usa *All Star* já sabe, né? Então, é... é gay”.

É possível supor no discurso de Manoel (32) que a hipervigilância, a qual teve que desenvolver para lidar com seu corpo, trejeitos e vestimentas, deixou marcas que persistem até hoje. Ele relatou que apesar de se sentir melhor, atualmente ainda lida com isso de uma forma mais branda que se instaura quando ele tem que procurar um emprego ou conhecer alguém novo romanticamente, por exemplo. Disse que, como sempre teve que antecipar o

que as pessoas pensariam dele, isso ainda persiste: “Porque eu passei tanto tempo sendo julgado que já adulto eu acabei levando isso muito para a minha vida, de ter medo do que as pessoas pensam de mim. E é uma coisa que até hoje eu tô [sic] trabalhando”.

Semelhante a Manoel (32), Augusto (30) também enxerga que os efeitos do *bullying* relativo ao corpo ainda reverberam. Assim como Manoel (32), Augusto (30) também se considera “bem resolvido” com relação à sua sexualidade: “mas a minha aparência ainda pesa muito. Eu acho que o que pesa para mim é a questão da... da aparência. Então... [nesse momento ele fez uma pausa longa] Eu não sei... Eu não consigo me olhar no espelho e me sentir confortável”. Por ser um assunto que se pode pensar que ainda demanda elaboração, diferentemente da sexualidade, Augusto (30) parece não se sentir confortável para falar sobre o que pode ser notado pela longa pausa que ele toma após mencionar o tópico.

Ele contou que já sofria *bullying* na infância, porém isso se agravou no ensino médio, quando ele colocou aparelho, começou a usar óculos e seu rosto se “encheu de espinhas”. Apesar desses verbos terem sido escritos agora pelo autor no tempo verbal passado, Augusto (30) escolheu utilizá-los no presente: “acho que fica pior no ensino médio, que é quando eu coloco o aparelho, tenho o rosto cheio de espinha e uso óculos. Aquela taxaço da Betty, a Feia, né?”. Pode-se interpretar a escolha temporal desses verbos como sendo um indício de que ele ainda se sente assim, apesar de não utilizar mais óculos, aparelho ou possuir espinhas. Ele complementou as frases anteriores com: “Aí começam a chamar de estranho, de feio. É o que eu tava [sic] falando: olha lá o feio vindo aí. Aí por isso que junta hoje a questão de eu fazer terapia, por eu não aceitar a minha aparência”.

Posteriormente a esse momento citado acima, Augusto (30) contou que os comentários de que ele era feio e esquisito ainda ressoam, o que corrobora com a hipótese levantada de manutenção dessas marcas negativas no presente. Ele afirmou que atualmente

faz psicoterapia porque esses comentários ainda ecoam em seu interior: “falas de: nossa, lá vem o esquisito, lá vem o feio. Então, eu não tinha o que fazer. Hoje eu não aceitar minha aparência é porque fica o tempo todo na minha cabeça, sabe? Esses comentários”.

A exclusão social associada ao estilo pessoal e ao padrão de beleza reflete a pressão para que o corpo e a aparência sigam normas estéticas e comportamentais que representam os ideais do grupo. Esse tipo de exclusão acabou por enfraquecer a confiança dos participantes em relação à própria identidade corporal, por meio da qual seus corpos eram visto como inadequados ou insuficientes para cumprir os padrões do ideal social.

Laços de Apoio e Laços de Dor: O *Bullying* na família e a Repressão

Durante as entrevistas, os participantes foram convidados a contar sobre sua infância e adolescência, assim como questionados sobre quem eram as suas figuras de apoio nas respectivas épocas em que vivenciaram o *bullying*. Suas respostas, como era de se esperar, divergiram, porém, de uma forma ou de outra seus familiares aparecem como um aspecto basilar que entrelaçou suas experiências.

Juliana (27) iniciou seu discurso olhando para baixo ao comentar sobre sua infância, quando afirmou que a época foi “ao mesmo tempo, muito boa e muito ruim”. Ela deu sequência a esse momento, contando que seus pais lhe amavam muito e se esforçavam para lhe prover tudo de que ela precisasse. Porém, enquanto proferia essa sentença, a participante balançou com a cabeça em negação. É possível que haja uma divisão subjetiva nessa fala, visto que o início sem contato visual e o aceno negativo podem denotar que essas lembranças geram desconforto até o presente.

Ela relatou ainda que vivenciou muitos episódios de violência doméstica de seu pai contra sua mãe. Após proferir essa frase, a participante riu. Esse riso pode ser interpretado como um sinal de angústia. O riso ainda apareceu outras vezes ao adentrar nessa temática, como quando ela disse: “eu acho que eu testemunhei coisas que eu só consegui entender mais tarde também, de violência sexual, por exemplo. E aí... [riso] é, então... Isso foi bem difícil”. Esses episódios são traumáticos para crianças e podem gerar marcas mnêmicas angustiantes.

Aqui é importante lembrar que o *bullying* não acontece em um contexto isolado, não são experiências dolorosas que estão delimitadas na escola, por exemplo. Mas o sujeito, para além de ter que lidar com essas vivências, ainda retorna ao seu contexto social e familiar paralelo e tem que lidar com outras dores. Juliana refletiu (27) sobre isso quando afirmou que: “foi uma época muito confusa, mesmo na terapia, porque tinha a questão familiar que atravessava, sabe? Então... era muito difícil para mim lidar com todas as coisas ao mesmo tempo”.

Juliana (27) contou ainda que seus pais ficaram sabendo sobre o *bullying* que ela vivenciava e tentaram interceder por ela e conversar com a escola, quando os xingamentos começaram a ficar mais frequentes e pesados. Porém, ela relatou que acredita que isso criou um desconforto ainda maior relativo à situação, pois os alunos cuja atenção os professores chamavam, acabavam criando um ressentimento contra ela, o que só piorava os ânimos.

Para Juliana (27), um ponto fundamental de apoio na época foi sua irmã mais velha, que, segundo ela, era muito protetora e lhe ajudava com as experiências negativas na escola, assim como entendia seu contexto global, já que presenciava as cenas de violência doméstica de seus pais. Apesar das falas de apoio aos pais, é possível supor através da leitura do discurso de Juliana (27), de maneira global, que ela parece ter sofrido *bullying* velado dentro

de casa também, sentindo pouco ou nenhum apoio doméstico para lidar com isso. E parece carregar esse sentimento até hoje.

Assim como Juliana (27), Carina (23) também definiu seu irmão mais velho como um ponto de apoio importante, já que ambos vivenciaram um ambiente familiar em comum, o qual lhes produziu traumas. Sobre o irmão, Carina (23) afirmou: “a gente tem traumas meio parecidos... mas diferentes. Eu tenho com a alimentação e ele tem com o álcool”. Ela contou também que sua mãe era super protetora e seu pai era mais ausente.

Em seu discurso, foi possível perceber que uma tia parece ter ocupado a função paterna: “minha tia sempre foi as cobranças, mais julgamentos”. Ela disse ainda que essa tia “às vezes era meio cruel” com ela e seu irmão. Ao mesmo tempo em que ela ressalta a importância de sua tia em suas falas, é possível inferir que aparece também um ressentimento pela forma como essa tia a tratou. Funcionando, pode-se supor, como a representação de um Supereu muito cruel. Isso pode ser observado quando ela relata uma situação que a marcou:

Eu lembro, no meu aniversário, que a gente foi no rodízio de sushi e meu irmão namorava uma menina na época. Eu gostava muito dessa menina, a família toda gostava dela. E aí ela pediu *yakisoba* e eu também pedi. Porque era rodízio e estava incluso. Por que não? Comi de boas [sic] e tal. E no carro, a minha tia me esculachou de maneiras incríveis. E eu lembro dela falando: não é porque ela pediu que você tem que pedir também. Ela é magra, você não. E basicamente eu chorei a noite inteira, fiquei extremamente chateada. Aí a minha mãe veio falar comigo, só que no final ninguém nunca falou nada pra ela... Ai muito ruim.

Pode-se denotar por meio desse relato traumático que, além da escola, Carina (23) também vivenciava *bullying* na família e em casa. Além da sua tia, ela contou também que sua mãe, apesar de ter sido superprotetora e ter tentado interceder em situações em que ela

sofria *bullying* na escola, também contribuía para seu mal-estar com relação ao seu corpo. Ela relatou que a mãe a incentivava para que ela tomasse, forçadamente, remédios para emagrecer. Segundo ela, eram remédios que causavam mal-estar: “que fazem ter taquicardia, fazem você se sentir mal. Teve um que eu tomei que eu não conseguia sair do quarto porque eu ficava sempre cansada e com sono. E foi uma época muito ruim”.

Assim como Carina (23), Augusto (30) também disse que foi superprotegido por sua cuidadora principal. Ele relatou que, por conta de seus pais trabalharem muito, foi, majoritariamente, criado por sua avó, se definindo como “menino de vó”. Afirmou ainda que a convivência com seus tios não foi harmônica, com sua avó tendo que interceder por ele muitas vezes. No entanto, no que se refere ao *bullying*, sua família parece não ter estado muito presente ou mesmo ficado sabendo. Ele mencionou que seus pais ficaram sabendo apenas do episódio que foi mencionado anteriormente neste presente trabalho, quando o batalhão escolar teve que interceder, porque Augusto (30) ligou para eles solicitando ajuda para sair da escola.

Quando questionado sobre suas figuras de apoio da época, Augusto (30) disse: “Eram só os meus colegas com quem eu conversava, mas eu era muito, muito sozinho, tanto que hoje eu não tenho contato com ninguém dessa época. Eu sempre fui muito sozinho”. A escolha por esses colegas, com os quais ele não parece ter tido uma relação profunda, como figuras de apoio, pode apontar para a profunda solidão e tristeza sentida pelo participante. Além disso, é possível supormos a tamanha distância sentida entre ele e seus familiares, já que não os mencionou.

Seguindo a lógica de Augusto (30), Manoel (32) também escolheu uma amiga como figura de apoio na época, por quem disse ter muito apreço até hoje, porque ela reagia em sua defesa diante de situações em que ele “não tinha coragem de fazer ou falar”: “Em qualquer

lugar, ela estava ali para me dar um *help*, para me socorrer ali para tudo que eu precisasse. Porque ela sabia que na época, enfim, eu estava me descobrindo”.

Nesse sentido, durante o discurso de Manoel (32), seus pais apareceram pouco e ele menciona mais a importância dos amigos, que, pode-se supor, funcionaram para ele como uma família. Nos únicos momentos em que citou seus pais, Manoel (32), da mesma maneira que Carina (23), narrou vivências de *bullying* dentro de casa. Ele contou que não podia mencionar em casa que estava vivendo *bullying* por conta de sua suposta orientação sexual, já que ele mesmo não a entendia. Além disso, não queria que seu pai suspeitasse mais ainda e o revitimizasse. Sobre seu pai, ele relatou:

Ele sempre me atacava de uma forma indireta. Por exemplo: nossa [nessa hora o participante revirou os olhos], para onde você vai com essa roupa? Pra [sic] onde você vai com esse cabelo? Isso não é roupa que você use. Mas naquele tom que você sabe o que ele tá querendo dizer ali por trás, né? me atacando por essas coisas que ele via. Essas coisas, no caso, era quem eu era, o que eu estava fazendo da minha vida, com quem eu estava saindo. Então ele julgava bastante

É possível supor que, Manoel (32), da mesma forma que se sentia na escola diante dos ataques, impotente, com raiva e triste, se sentia também dentro de casa. Isso pode, inclusive, ser agravado pela ofensa vir diretamente de seu pai e ele não saber como reagir. Ademais, ele também não tinha sua figura de apoio principal, sua amiga, presente nessas situações.

É provável que as marcas relativas, principalmente, aos familiares, são assuntos difíceis de serem elaborados. Aqui, cabe um apontamento final de que, durante as entrevistas, foi possível observar o mecanismo da repressão presente e atuante nos discursos. Apesar de o *bullying* ter acontecido para alguns participantes há mais de 15 anos, é perceptível as marcas deixadas pela violência vivenciada. Augusto (30) deixou isso claro nas longas pausas feitas

repetidamente ao longo da entrevista. Como, por exemplo, quando contou da única vez que tentou conversar com os responsáveis pela escola para reclamar do *bullying*.

Esse mecanismo foi reconhecido também pelo próprio Augusto (30), quando questionado sobre os sentimentos evocados ao falar dessa temática atualmente. Ele relatou que um dia antes da entrevista contou a um amigo que realizaria a pesquisa: “Eu falei ‘vou fazer a pesquisa porque eu preciso enfrentar coisas do passado’. Por isso que tive momentos aqui que eu conversava com você que eu parava, porque não era uma coisa fácil, de verdade”. Esse testemunho corrobora com o que Freud (1917/2019, p. 383) teorizou sobre a resistência, quando afirmou que, quando o analisando cede a uma ou outra objeção crítica que corta o fluxo das associações “ele nos revela por meio das longas pausas que aparecem em sua fala. Confessa, então, que há coisas que ele realmente não pode dizer, de que sente vergonha”.

De maneira relativamente análoga ao processo relatado por Augusto (30), Juliana (27) contou que reprimiu algumas marcas mnêmicas de sua infância por conta do *bullying* e traumas familiares. Ela disse que a maior parte de suas memórias infantis são relacionadas a episódios tristes e, por isso, não recorda as partes boas com muita precisão: “eu só consigo lembrar de coisas boas espontaneamente quando tem algum objeto, um cheiro, uma fotografia, ou alguém faz uma referência muito específica que me remete a isso, sabe?”.

Freud (1917/2019, p. 391) afirmava que a resistência sugeria a repressão de algum conteúdo consciente para o inconsciente, uma vez que a repressão é “o processo patogênico que nos é demonstrado pela resistência”. Carina (23) demonstrou isso em seu discurso quando disse: “eu mesma deveria ir à terapia, só que aí eu sempre desisto antes de marcar. Eu já pedi quatro encaminhamentos mas eu meio que me saboto. Porque eu sinto que eu não quero lidar com a situação”. É possível pensar que essa resistência parta de um medo associado ao que pode ser acessado a partir da terapia.

Considerações Finais

A presente pesquisa buscou compreender os impactos do *bullying* vivenciado na infância e adolescência sobre a subjetividade adulta, com ênfase no que foi observado por meio das entrevistas e evocado através da leitura do que ficou mais proeminente para o pesquisador. Assim sendo, se centrou nas dinâmicas de exclusão social, rejeição, relação com o corpo, agressividade, frustração e as influências familiares. Por meio das entrevistas analisadas, foi possível identificar que o *bullying* deixou marcas profundas e duradouras nos participantes, afetando não apenas suas relações interpessoais, mas também sua percepção de si mesmos e do mundo ao seu redor.

Um dos aspectos mais marcantes observados foi a rejeição social, que se manifestou como um fator central nas experiências relatadas. A sensação de não pertencimento, frequentemente reforçada pela exclusão ou violência simbólica, gerou um ciclo de insegurança e isolamento que persiste até a vida adulta de todos os quatro participantes. Esse isolamento, em muitos casos, foi intensificado pela condição própria da adolescência, uma fase na qual os sujeitos, costumeiramente, vivem um turbilhão de emoções, tentando entender a si e ao mundo.

Outro ponto relevante foi a relação com o corpo e a autoimagem, frequentemente marcada por conflitos e insatisfações decorrentes das críticas e agressões vividas. Para alguns participantes, isso resultou em comportamentos autodestrutivos, como transtornos alimentares, enquanto outros internalizaram uma visão negativa do corpo como um reflexo de sua suposta inadequação.

Além disso, o estudo evidenciou que o sentimento de frustração era uma constante nos discursos, tanto em relação às tentativas fracassadas de se integrar aos grupos, quanto na

dificuldade de reagir às violências sofridas. Essa frustração, muitas vezes internalizada, gerou impactos emocionais, como ansiedade social e autocrítica severa, reforçando barreiras emocionais que dificultaram o enfrentamento das adversidades.

O papel das relações familiares também se revelou ambivalente. Enquanto alguns participantes relataram a ausência de apoio ou até mesmo o *bullying* praticado dentro de casa, outros experienciaram formas parciais de suporte que, embora bem-intencionadas, também reproduziram as pressões sociais externas. Esse contexto reflete uma invisibilidade histórica do *bullying*, que, no passado, era frequentemente negligenciado ou minimizado.

Além disso, foi possível observar, que, quando questionados sobre o papel da escola diante do *bullying*, todos os participantes relataram que a escola foi omissa ou não apresentou o apoio necessário e adequado. No entanto, todos disseram que os tempos eram outros e, atualmente, houve um aumento da conscientização sobre o *bullying* e seus efeitos negativos.

Um dado interessante de ser pontuado ainda é que, quanto mais velhos os participantes, notou-se uma maior dificuldade para utilizar o termo *bullying*. Manoel (32) e Augusto (30) ambos disseram que não sabiam o que era *bullying* em suas épocas de escola e chegaram a se referir muitas vezes às ações como “ataques” e “comentários”. Juliana (27) e Carina (23), no entanto, utilizaram o termo com maior frequência.

Por fim, a análise permitiu compreender que o *bullying* não é apenas um fenômeno social, mas também um processo psíquico que afeta a constituição do sujeito. Os mecanismos de projeção, identificação e idealização estão intimamente ligados à dinâmica do *bullying*, tanto do ponto de vista dos agressores quanto das vítimas. Essa violência, vivida em um momento crucial do desenvolvimento, fragilizou o Eu dos participantes, comprometendo sua autoestima e dificultando a elaboração dos traumas. Além de ter deixado outras marcas que

se perpetuam até os dias de hoje neles, como hipervigilância, autoimagem distorcida e ansiedade social.

Nesse sentido, o *bullying* é um fenômeno complexo, cujos efeitos ultrapassam o período em que ocorre, deixando marcas significativas na subjetividade e no comportamento dos indivíduos. É essencial que as experiências relatadas pelas vítimas sejam compreendidas por meio de suas particularidades e singularidades, de forma que possamos, como sociedade, desenvolver estratégias de acolhimento, prevenção e intervenção que considerem tanto os aspectos psíquicos quanto sociais dessa violência. Assim, espera-se contribuir para uma sociedade mais consciente e preparada para lidar com as múltiplas dimensões do *bullying*.

Considera-se que os objetivos propostos de investigar os possíveis impactos do *bullying* vivenciado na história de vida sobre o desenvolvimento da subjetividade do indivíduo adulto, assim como, mais especificamente, compreender de que maneira o *bullying* sofrido na infância ou adolescência é percebido por indivíduos adultos; quais as implicações das experiências de violências de *bullying* sobre a subjetividade dos indivíduos adultos; e quais as estratégias utilizadas por esses indivíduos para enfrentamento da experiência de *bullying* foram atingidos.

Para trabalhos futuros envolvendo a temática, sugere-se fazer recortes ainda menores, que possam trabalhar as peculiaridades de cada tipo de *bullying*. Como, por exemplo, o *bullying* derivado da homofobia e o *bullying* derivado da gordofobia. Uma vez que esta pesquisa buscou abarcar um grande grupo, foi possível ter uma visão mais abrangente. Porém, sugere-se que outras mais específicas sejam desenvolvidas para acrescentar a essa temática ainda não tão explorada. Outros estudos, inclusive com metodologias quantitativas, podem ser feitos para dar robustez ao corpo bibliográfico da temática.

Referências

Diogo, D., & Braga, C. (2024, 05 de março). Entenda a dinâmica do ataque orquestrado por adolescente em escola no DF. *Correio Braziliense*.
<https://www.correiobrasiliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2024/03/6813331-entenda-a-dinamica-do-ataque-orquestrado-por-adolescente-em-escola-no-df.html#:~:text=O%20ataque%20em%20uma%20escola,uma%20monitora%20e%20um%20professor.>

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2023). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023*. São Paulo, SP: Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Freud, S. (2012). *Obras completas volume 11: Totem e Tabu, Contribuição à História do Movimento Psicanalítico e Outros Textos*. Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1913.

_____. (2010). *Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1914.

_____. (2019). *Obras completas volume 13: Conferências introdutórias à psicanálise*. Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1917.

_____. (2010). *Obras completas volume 14: "O homem dos lobos" e outros textos*. Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1920.

_____. (2011). *Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do Eu e Outros Textos*. Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1921.

_____. (2010). *Obras completas volume 18: O mal-estar na civilização e outros textos*. Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1930.

Gil, A. C. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (6a. ed.). Atlas.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019*. Ministério da Economia. Diretoria de Pesquisa. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro, RJ: IBGE. <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>

Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. Em *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (pp. 17-43). Imago (Trabalho original publicado em 1946).

Lei n. 14.811, de 12 de janeiro de 2024. (2024). Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares, prevê a Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente e altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e as Leis nºs 8.072, de 25 de julho de 1990 (Lei dos Crimes Hediondos), e 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Brasília. 2024.
<https://legis.senado.leg.br/norma/38157392/publicacao/38158500>.

Longo, M. M. (2022). A projeção do ódio ao diferente na escola: bullying numa leitura freudiana. *Cadernos de Psicanálise*, 44(47), 207-2019.

Machado, L., Rodrigues, R., & Bitar, R. (2023, 23 de outubro). Ainda não somos capazes de combater o bullying e a homofobia, diz Tarcísio após ataque a escola em SP. *G1*. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/10/23/ainda-nao-somos-capazes-de-combater-o-bullying-e-a-homofobia-diz-tarcisio-apos-ataque-a-escola-em-sp.ghtml>

Marangoni, V. X. C. (2022). *Psicanálise do Bullying*. CRV.

Minayo, M. C. S. & Sanches, O. (1993). Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?. *Caderno de Saúde Pública*, 9(3), 239-262.

<https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300002>

Ministério da Educação. (2023). *ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental*. Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas, estabelecido pela Portaria 1.089 de 12 de junho de 2023. Brasília, DF: Ministério da Educação.

Moura, C. F. (2008). *Reação à frustração: construção e validação da medida e proposta de um perfil de reação*. Tese de doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília, Brasília.

Oliveira-Menegotto, L. M. de, Pasini, A. I., & Levandowski, G. (2013). O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15(2), 203-215.

Orlandi, E. P. (2005). *Análise do discurso: princípios e procedimentos* (5a. ed). Pontes.

Rodrigues, G. C. (2012). O bullying nas escolas e o horror a massacres pontuais. *Revista Ponto-e-vírgula*, 11(1), 10-21.

Silva, D. Q. (2013). A pesquisa em psicanálise: o método de construção do caso psicanalítico. *Estudos de Psicanálise*, 39(7), 37-46.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000100004

Soares, G. (2024, 18 de abril). Adolescente de 13 anos morre após ser agredido pelas costas por dois estudantes em escola no litoral de SP. *G1*. <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2024/04/18/adolescente-de-13-anos-morre-apos-ter-sido-agredido-pelas-costas-por-dois-estudantes-em-escola-no-litoral-de-sp.ghtml>

Souza, R. P. R. G. (2015). *O fenômeno bullying no ambiente escolar*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Brasil.

UNESCO. (2023). Prevention of violence and bullying in school. <https://www.unesco.org/gem-report/en/articles/prevention-violence-and-bullying-school>

Anexo A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do trabalho: As implicações do bullying vivenciado na infância e adolescência sobre a subjetividade do indivíduo adulto

Instituição dos pesquisadores: Centro Universitário de Brasília - CEUB

Pesquisadora responsável: Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira

Pesquisador assistente: Nicolás Tribuzy de Mello Rodrigues

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo principal deste estudo é investigar os possíveis impactos do bullying vivenciado na história de vida sobre o desenvolvimento da subjetividade do indivíduo adulto.
- Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) por ter vivenciado experiências de bullying em sua história de vida e auxiliará os pesquisadores a aprofundarem o conhecimento acerca dessa temática.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consistirá em participar de uma entrevista que terá como tema central o *bullying* na infância e adolescência.
- A pesquisa será realizada de forma online, através da plataforma Google Meet, em uma sala virtual criada pelos pesquisadores.
- A entrevista tem duração prevista de uma hora e trinta minutos. O participante deve entrar na sala virtual no dia e horário previamente combinados.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.

- A entrevista será gravada em áudio, com o consentimento do participante, para facilitar o posterior trabalho de análise.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas, durante a entrevista, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o/a participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre os impactos subjetivos do *bullying*.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso informar ao pesquisador assistente.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado por um período de 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador assistente Nicolas Tribuzy de Mello Rodrigues, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade. Após esse período, esse material será descartado.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/Uniceub, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, ____ de _____ de _____

Participante

Pesquisadora Responsável: Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira

Celular: (61) 99986-2105 – E-mail: aurea.cerqueira@ceub.edu.br

Pesquisador Assistente: Nicolás Tribuzy de Mello Rodrigues

Celular: (61) 99644-8181 – E-mail: nicolas.tribuzy@sempreceub.com

Endereço do/a(os/as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB

Bairro: Asa Norte

Cidade: Brasília – DF

CEP: 70790-075

Telefone p/contato: (61) 3966-1200

Anexo B

Parecer Consubstanciado do CEP-CEUB

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: As implicações do bullying vivenciado na infância e adolescência sobre a subjetividade do indivíduo adulto.

Pesquisador: AUREA CHAGAS CERQUEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 80742724.7.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.945.161

Apresentação do Projeto:

- TIPO DO ESTUDO: Qualitativo.

- DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES: 4 adultos, sendo dois do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades entre 18 e 40 anos.

- NÚMERO PARTICIPANTE DAS PESQUISA: 4

- FORMA DE RECRUTAMENTO DOS PARTICIPANTES: A amostra será selecionada por conveniência e os participantes serão recrutados através da rede de contatos dos pesquisadores.

- CRITÉRIOS DE INCLUSÃO: Serão convidados para participar desta pesquisa quatro indivíduos adultos, com faixa etária entre 18 a 40 anos, sendo dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, os quais tenham vivenciado experiências de bullying em suas histórias de vida.

- TIPO DE INSTITUIÇÃO/LOCAL ONDE SERÁ REALIZADO O ESTUDO: Plataforma Google Meet.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 6.945.161

- PROCEDIMENTOS QUE SERÃO REALIZADOS COM OS PARTICIPANTES: Entrevista semi-estruturada.

- INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: Serão realizadas entrevistas semi-estruturadas, as quais serão gravadas em áudio e em seguida transcritas, para maior fidedignidade da análise dos resultados. Registros adicionais serão efetuados em um diário de campo.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo principal deste estudo é investigar os possíveis impactos do bullying vivenciado na história de vida sobre o desenvolvimento da subjetividade do indivíduo adulto.

Objetivo Secundário:

Compreender de que maneira o bullying sofrido na infância ou adolescência é percebido por indivíduos adultos;

Compreender as implicações das experiências de violências de bullying sobre a subjetividade dos indivíduos adultos;

Compreender as estratégias utilizadas por esses indivíduos para enfrentamento da experiência de bullying.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de entrevista.

Medidas preventivas, durante a entrevista, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o/a participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.

Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, o participante não precisa realizá-lo.

Benefícios:

Com a participação nesta pesquisa, o participante poderá ajudar no maior conhecimento sobre os impactos subjetivos do bullying.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 6.945.161

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

- Devido à natureza do estudo, considera-se a pesquisa com risco mínimo.
- Houve indicação correta das medidas protetivas para o risco apresentado.
- Orçamento: os gastos serão custeados pelo pesquisador.
- Cronograma:

A coleta de dados está prevista para iniciar-se em 02/09/2024.

O encerramento do projeto está previsto para 30/11/2024.

- Instrumento de coleta de dados: o questionário apresentado está adequado em termos éticos.
- Contexto da realização da pesquisa: trata-se de um trabalho de conclusão de curso de graduação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Apresentou a Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada.
- O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado de forma adequada.

Recomendações:

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto às Resoluções nº 446/12 e nº 510/16 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

- I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;
- II - desenvolver o projeto conforme delineado;
- III - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;
- IV - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- V - encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
- VI - elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 6.945.161

VII - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança, interrupção ou a não publicação dos resultados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto atende os requisitos éticos e a pesquisa está em condições de ser iniciada.

Ao final da pesquisa deverá ser enviado o Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento. O modelo do relatório encontra-se disponível na página do UniCEUB

http://www.uniceub.br/instituicao/pesquisa/ins030_pesquisacomitebio.aspx, em Relatório de Finalização e Acompanhamento de Pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer homologado na 11ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB de 2024, em 05 de julho.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2361122.pdf	12/06/2024 00:12:13		Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto_NICOLAS_TRIBUZY_RODRIGUES.pdf	12/06/2024 00:05:40	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Outros	LATTES_Aurea_Chagas_Cerqueira_Mar2024.pdf	11/06/2024 00:53:51	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Outros	Lattes_NICOLAS_TRIBUZY_DE_MELLO RODRIGUES.pdf	10/06/2024 20:29:54	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_NICOLAS_TRIBUZY_MELLO_RODRIGUES.pdf	10/06/2024 20:28:59	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_monografia_NICOLAS_TRIBUZY_DE_MELLO_RODRIGUES.pdf	10/06/2024 20:28:46	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF **Município:** BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 6.945.161

Não

BRASILIA, 11 de Julho de 2024

Assinado por:
Marília de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Apêndice A

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Como foi, em geral, sua infância?
2. Como foi, em geral, sua adolescência?
3. Quando você percebeu que sofria *bullying*? Como era?
4. Quais sentimentos foram evocados nessa época?
5. Qual foi sua reação diante das violências sofridas?
6. Seus pais ou cuidadores chegaram a ter ciência do que você estava vivenciando?
7. Se sim, qual foi a postura deles diante dessa situação?
8. Os professores sabiam do que ocorria?
9. Qual era a postura deles diante das suas situações de *bullying*?
10. A direção ou coordenação da escola chegaram a ter ciência do que você estava vivenciando?
11. Quais atitudes foram tomadas por eles?
12. Quais eram suas figuras de apoio na época?
13. Como você enxerga que o *bullying* afetou seu crescimento?
14. Quais sentimentos são evocados quando você se recorda dessas situações?
15. Você enxerga algum efeito desse passado sobre a sua atualidade? De que forma?
16. Gostaria de falar sobre alguma questão que não foi abordada?